



Cinara Ferreira  
Andrei Cunha  
organização

# POÉTICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO

CLASS



# POÉTICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO

organização  
Andrei Cunha  
Cinara Ferreira

2020  
CLASS

# APOIO

Agradecemos o apoio indispensável do Instituto de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pró-Reitoria de Pesquisa e da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Todos os direitos desta edição reservados.

**Copyright © 2020 da edição:**

Andrei Cunha  
Cinara Ferreira

**Copyright © 2020 dos capítulos:**

Seus autores

**Coordenação editorial**

Roberto Schmitt-Prym

**Conselho editorial**

Antonio David Cattani  
Daniela Pinheiro Machado Kern  
Demetrius Ricco Ávila  
Jéferson Assunção  
Pedro Demenech

**Projeto gráfico**

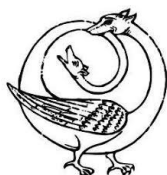
Roberto Schmitt-Prym

**Capa**

Andrei Cunha

**Ilustração da capa**

Paul Klee



Editora Bestiário  
Rua Marquês do Pombal, 788/204  
90540-000, Porto Alegre, RS  
Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223  
www.bestiario.com.br

**Revisora-chefe**

Marianna Ilgenfritz Daudt

**Equipe de revisão**

Acevesmoreno Flores  
Adriana da Silva  
Ana Luiza Martins  
Antônio Barros  
Caroline Moura  
Cláudia Caimi  
Claudio Zanini  
Denise Sales  
Douglas Rosa  
Eduarda Assunção  
Eduarda De Carli  
Elaine Indrusiak  
Elizamari Becker  
Gabriel Adam  
Ian Alexander  
Jéssica Pozzi  
Karina Lucena  
Leonardo Antunes  
Liliam Ramos  
Lis Yana Martinez  
Lúcia Sá Rebello  
Luciana Rassier  
Márcia Moura  
Rafael Brunhara  
Rafael Guimarães  
Rejane Pivetta  
Rita Lenira Bittencourt

**Como citar este livro (ABNT)**

CUNHA, Andrei; FERREIRA, Cinara (org.).  
**Poéticas e internacionalização.** Porto Alegre:  
Bestiário / Class, 2020.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

P745	Poéticas e internacionalização / organizado por Cinara Ferreira, Andrei Cunha. - Porto Alegre, RS : Class, 2020. 608 p. ; 21cm x 29,7cm.
	Inclui bibliografia e índice. ISBN: 978-65-991129-4-2
	1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Ferreira, Cinara. II. Cunha, Andrei. III. Título.
	CDD 869.94
2020-1401	CDU 82-4(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	2
<i>Andrei dos Santos Cunha e Cinara Antunes Ferreira</i>	
<b>PRIMEIRA PARTE: LITERATURA, DIPLOMACIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS</b>	6
<b>As marcas da carreira diplomática de Monteiro Lobato em sua escritura: vamos perguntar a Mr. Slang</b>	7
<i>Elizamari Becker</i>	
<b>A literatura soviética como instrumento de <i>soft power</i></b>	18
<i>Gabriel Adam</i>	
<b>Do que estamos falando quando falamos da literatura de língua inglesa?</b>	31
<i>Ian Alexander</i>	
<b>Relações diplomáticas em <i>Olga</i>, narrativa de Fernando Morais, e reconstrução histórica</b>	40
<i>Márcia Rohr Welter e Juracy Assmann Saraiva</i>	
<b><i>O Senhor Embaixador</i>: o intelectual engajado em contexto internacional</b>	52
<i>Marianna Figueiró Klafke</i>	
<b><i>Catch-22</i> and political discourse: a field guide to unreliable narratives</b>	64
<i>Rafael Conter</i>	
<b>SEGUNDA PARTE: COSMOPOLITISMOS E CARTOGRAFIAS PÓS-NACIONAIS: MESCLAS TEXTUAIS / CORPOS-CORPUS EM TRÂNSITO / FAZERES TEÓRICOS-TRADUTÓRIOS-LITERÁRIOS-CULTURAIS</b>	72
<b>O olhar oitocentista e a pintura de paisagem de Caron: notas para uma poética da relação</b>	73
<i>Ana Carla de Brito</i>	
<b>A música em e a partir de <i>As intermitências da morte</i>, de José Saramago</b>	81
<i>Cinara Ferreira e Carlos Walter Soares</i>	
<b>Das Letras à Geografia, a possibilidade de uma fusão</b>	89
<i>Cristiane Marques Machado e Maria Luiza Berwanger da Silva</i>	
<b>Literaturas e nacionalidades na Rússia contemporânea</b>	102
<i>Denise Regina de Sales</i>	
<b>Migraaaantes e o cerceamento de todas as cercas ou o devir-minoritário de Matei Visniec frente à democracia assustada</b>	110
<i>Diego Lock Farina</i>	
<b>Contar para deslocar: espacialidades do lirismo crítico entre a poesia brasileira contemporânea e a literatura coreana</b>	119
<i>Douglas Rosa da Silva e Melissa Rubio dos Santos</i>	
<b>A voz de Sherazade: <i>O fogo será a tua casa</i>, de Nuno Camarneiro</b>	131
<i>Gabriela Silva</i>	

<b>As facetas da melancolia na canção <i>In darkness let me dwell</i>, de John Dowland, e sua ressignificação na ecologia cultural atual</b>	139
<i>João Alexandre Straub Gomes, Werner Ewald, Marcelo Barros de Borba e Leonora Oxley Rodrigues</i>	
<b>A ficção da ficção: uma leitura comparatista das narrativas de estupro em <i>o cortiço</i> (1890) e em <i>duas irmãs</i> (1883)</b>	150
<i>Karine Mathias Döll</i>	
<b>Poéticas à deriva em <i>Berkeley em Bellagio</i> e <i>Lorde</i>, de João Gilberto Noll</b>	160
<i>Kim Amaral Bueno</i>	
<b>Viagem e alteridade: a paisagem literária da Itália de Goethe</b>	169
<i>Renato Barros de Castro</i>	
<b>Entre <i>ready-mades</i> e colagens: a mescla textual de Valêncio Xavier em <i>Crimes à moda antiga</i></b>	180
<i>Taynara Leszczyński e Maria Salete Borba</i>	
<b>TERCEIRA PARTE: MÍDIAS, GLOBALIZAÇÃO E POÉTICAS</b>	189
<b>Roberto Arlt e seu brinquedo raivoso em livro e filme</b>	190
<i>Alan Noronha</i>	
<b>Rupturas e costuras: o tempo na ficção científica com a máquina de Wells e os ciclos de <i>Dark</i></b>	198
<i>Alisson Preto Souza e Lis Yana de Lima Martinez</i>	
<b>As reminiscências da presença-ausência em <i>Elena</i>, de Petra Costa</b>	207
<i>Bruna Farias Machado</i>	
<b>O gótico sulista: adaptação em diferentes mídias</b>	219
<i>Bruno Dariva e Ícaro Carvalho</i>	
<b>Do papel às telas? O cenário gótico em <i>Harry Potter e a Pedra Filosofal</i> (2000) e em <i>Harry Potter e a Câmara Secreta</i> (2000), de J. K. Rowling</b>	229
<i>Caroline Navarrina de Moura e Fabian Quevedo da Rocha</i>	
<b>Character development in novelizations of origin stories of <i>The X-Files</i></b>	238
<i>Eduarda De Carli</i>	
<b>“<i>You don’t own me</i>”: o papel da trilha sonora na caracterização da personagem June Osborne em <i>The Handmaid’s Tale</i></b>	247
<i>Fernanda Nunes Menegotto</i>	
<b>Costuras com a palavra — a escrita criativa numa perspectiva interdisciplinar</b>	259
<i>Geysiane Andrade</i>	
<b><i>Cenas de um casamento</i>: Bergman e as séries de TV</b>	267
<i>João Fabricio Flores da Cunha</i>	
<b>Adaptation and transmedia storytelling in the Telltale games</b>	277
<i>Rosana Ruas Machado Gomes</i>	
<b>Reescrevendo a si mesmo: translados metaficcionalis e identitários entre os EUA e o Leste Europeu</b>	287
<i>Rust Costa Machado</i>	

**A morte em carne e osso: uma análise de personagem em *As intermitências da morte*, de José Saramago, e em *O sétimo selo*, de Ingmar Bergman** 298  
*Samla Borges Canilha*

**QUARTA PARTE: TRADUÇÃO, RECEPÇÃO E ANTROPOFAGIA** 306

**“*The best of Tartarus*”: projeções para a poesia hesiódica** 307

*Bruno Palavro*

**Palavra-performance: a palavra quer um corpo** 319

*Camila Alexandrini*

**Baudelaire na triple fronteira: considerações sobre a rasura da origem** 328

*Eleonora Frenkel Barretto*

**Uma tradução criativa de *Amœnitates belgicæ*, de Charles Baudelaire** 337

*Rafael do Amaral Prudencio*

**Alegorese e exemplaridade na interpretação do mito de narciso no *Ovide Moralisé* (século XIV)** 346

*Rodrigo de Oliveira Lemos*

**A “diegese” em tradução: considerações sobre a tradução do termo *diegesis* em Platão e Aristóteles** 357

*Thiago Koslowsky da Rosa*

**QUINTA PARTE: MINORIAS, DIÁSPORAS, FRONTEIRAS E TRADUÇÃO CULTURAL** 367

**O Teatro Experimental do Negro (TEN), um “entre-lugar” na cena teatral brasileira do século XX: pensando o teatro de Abdias do Nascimento a partir de uma perspectiva decolonial** 368

*Acevesmoreno Flores Piegaz*

**Pode o subalterno se autobiografar?** 376

*Adriana Kerchner da Silva*

**O corpo-guerrilheiro no corpo-nação: contaminação e abjeção em Herbert Daniel** 389

*Anselmo Peres Alós*

**A fragilidade dos laços familiares elucidada no retorno ao lar: um estudo do romance *The Green Road*, de Anne Enright** 402

*Carla Luciane Klos Schöninger*

**Deslocamento, abandono e (não) pertencimento no romance *Com armas sonolentas*: um romance de formação, de Carola Saavedra** 410

*Cristiane da Silva Alves*

**Travessias do Atlântico negro: navegando com Fradique Mendes** 420

*Dilma Beatriz Rocha Juliano*

**A tradição oral antilhana e seus não-ditos** 428

*Jéssica de Souza Pozzi*

<b>O custo da sujeição em <i>O Fim de Eddy</i>, de Édouard Louis</b>	438
<i>Lucas de Oliveira Demingos</i>	
<b>A escrita desfronterizante de Najat El Hachmi</b>	447
<i>Luciane Alves</i>	
<b>Unindo nações, desfazendo fronteiras: migração, memória e pertencimento em <i>A imensidão íntima dos Carneiros</i>, de Marcelo Maluf</b>	457
<i>Mirvana Luz Teixeira</i>	
<b>“Isso também é obeah”: <i>créolité</i> e domínio cultural em <i>Vasto Mar de Sargaços</i></b>	467
<i>Vanessa Gomes Alves de Oliveira</i>	

## SEXTA PARTE: CRÍTICAS, POLÍTICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO TEÓRICA

<b>O conto de Érico Veríssimo à luz das teorizações de Julio Cortázar</b>	474
<i>Bruno Brizotto</i>	
<b>Por uma crítica do progresso em Stengers e Sebald</b>	483
<i>Davi Alexandre Tomm</i>	
<b>Poéticas ayahuasqueiras: esboço de uma cartografia</b>	495
<i>Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin</i>	
<b>Os críticos e os territórios em “A Parte dos críticos”, de 2666</b>	508
<i>Gabriel da Fonseca Torres</i>	
<b>A obsessão do pós-modernismo com o passado, segundo Linda Hutcheon</b>	517
<i>Jefferson José Pereira Figueiredo</i>	
<b>“Nem todas as crianças vingam”: servidão industrial, documentos de barbárie e lógica maquina em Machado de Assis</b>	529
<i>Jeison Karnal</i>	
<b>Agência e resistência das personagens femininas em “Mariana”, “Virginius” e “Sabina”, de Machado de Assis</b>	541
<i>Júlia de Campos Lucena</i>	
<b>Elvira Vigna e a <i>différance</i> de Jacques Derrida</b>	550
<i>Karen Garbo</i>	
<b>A escrita do “eu” nos ensaios autobiográficos de Ernesto Sabato e Affonso Romano de Sant’Anna</b>	558
<i>Margarete Hülsendeger</i>	
<b>Entre a cegueira e a lucidez: um diálogo com o estoicismo</b>	567
<i>Pedro Nunes de Castro</i>	
<b>A perspectiva da Teoria Social da Edição para desbravar a obra tipográfica de João Cabral de Melo Neto</b>	579
<i>Priscila Monteiro</i>	



**O teor testemunhal no teatro documental:**

**aporia entre a representação do real e o labor memorialístico, análise da obra *Proyecto 1980/2000, el tiempo que heredé***

588

*Rafael da Silveira Falcão*

**Ampliação da leitura e contradições da imprensa abolicionista brasileira: o caso da *Gazeta de Notícias***

600

*William Moreno Boenavides*

# DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO FALAMOS DA LITERATURA DE LÍNGUA INGLESA?

*What are we talking about when we  
talk about English Literature?*

Ian Alexander<sup>1</sup>

*The God who is offered to slaves must be served dead, or He may change  
His chosen people.*

Derek Walcott, **What the Twilight Says** (1971)

**Abstract:** *This article analyses the contents of university English literature courses at a sample of universities in Australia and comparable countries the English-speaking world. Countries were chosen according to three criteria: (1) being part of the British Empire in 1900; (2) being a member of the Commonwealth in 2019; (3) having no written literary tradition before being colonised by a European country. Of the 36 countries that met these conditions, the 15 with the largest populations were selected for the Americas, the Pacific, and the West, South and East of Africa. Universities were selected on the basis of size, location and founding date. For the three countries where a white majority population gained independence in 1931 (Canada, Australia and New Zealand), the oldest university in the largest city was chosen. For the small island nations of the Caribbean and the Pacific, the two transnational universities were selected: the University of the West Indies (UWI) and the University of the South Pacific (USP). In the other countries where a black majority population gained independence after World War II, the chosen university was the first one to grant its own diplomas, independent of any British university. The websites of the universities were used to identify the faculties, schools and departments responsible for teaching English literature and, where possible, the names of the courses available. Four of the universities were analysed on the basis of other information, as the course titles were not available online. One university contributed no information to the study. For the other ten, the English literature courses were classified according to the geographical focus identifiable in the course title. The categories used were British, USAmerican, national, regional, diaspora and other. Of the universities analysed in this manner, the University of Sydney had the highest proportion of courses in the national category (13.0%), the three “white” universities had the highest proportion of British courses (22.2% - 34.9%), and the “black” universities had the highest proportion of regional courses (12.5% - 27.3%).*

**Keywords:** *literature in English; African literature; Caribbean literature; literature of the Pacific; university curriculum.*

**Resumo:** Este artigo analisa os conteúdos das disciplinas de literatura de língua inglesa em uma amostra de universidades da Austrália e de outros países comparáveis do mundo anglófono. Os países foram definidos como *comparáveis* conforme três critérios: (1) fazer parte do Império Britânico em 1900; (2) fazer parte da Comunidade das Nações (antiga Comunidade Britânica de Nações) em 2019; (3) não possuir uma tradição escrita antes da colonização europeia e da introdução do alfabeto latino. Dos 36 países que satisfazem essas condições, foram selecionados aqueles de maior população na

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Comparada, UFRGS. Professor adjunto, Instituto de Letras, UFRGS. E-mail: <ianalex63@gmail.com>.

América, na Oceania, e no oeste, sul e leste da África. As universidades foram selecionadas por três métodos: (1) nos países cuja população majoritariamente branca ganhou a independência em 1931 (a Austrália, a Nova Zelândia e o Canadá), a universidade mais antiga da maior cidade do país; (2) nos países de população pequena do Caribe e da Oceania, as duas universidades transnacionais: a Universidade das Índias Ocidentais e a Universidade do Pacífico Sul; (3) nos demais países cuja população negra ganhou a independência depois da Segunda Guerra Mundial, a primeira universidade a emitir seus próprios diplomas. A partir dos sites dessas quinze universidades, foram identificadas as unidades acadêmicas e os departamentos responsáveis pelo ensino das várias literaturas, e, quando possível, os nomes das disciplinas de literatura de língua inglesa. Quatro cursos foram analisados por meio de outras informações, e um não disponibiliza nenhuma informação que contribui para o estudo. Nas outras dez universidades, as disciplinas de literatura anglófona foram classificadas conforme o recorte geográfico explicitado no nome da disciplina. As categorias utilizadas foram das literaturas *britânica*, *estadunidense*, *nacional*, *regional*, *diáspora* e *outra*. Das universidades analisadas dessa maneira, a Universidade de Sydney tem a maior proporção de disciplinas na categoria *nacional* (13,0%), as três universidades “brancas” têm as maiores proporções de *britânica* (22,2%-34,9%), e as universidades “negras” têm as maiores proporções de *regional* (12,5%-27,3%).

**Palavras-Chave:** literatura de língua inglesa; literatura africana; literatura caribenha; literatura do Pacífico; currículo universitário.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, “a literatura” é, em primeiro lugar, a literatura do próprio país. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) divide o estudo da literatura em seis categorias: Literatura Brasileira, Outras Literaturas Vernáculas, Literaturas Estrangeiras Modernas, Literaturas Clássicas, Literatura Comparada, e Teoria Literária. Se o conhecimento fosse dividido da mesma maneira na Austrália, o equivalente das duas categorias lusófonas seriam Literatura Australiana e Outras Literaturas Anglófonas, mas não é assim que a literatura é conceituada. Das 53 disciplinas de literatura de língua inglesa ofertadas pelo Departamento de Inglês na Universidade de Sydney, a maioria não explicita nenhum recorte geográfico no título (“Língua, Textos e Tempo”, por exemplo, ou “Utopias e Distopias”), mas aparecem doze com conteúdo claramente britânico (como “Shakespeare” e “Literatura Britânica Contemporânea”) contra seis da literatura australiana, três da estadunidense e três de outros lugares e de outras experiências, como “Literaturas Mundiais em Inglês”. As opções para o estudo da literatura na Universidade não se restringem a essas, mas o inglês é a língua materna da maioria dos alunos australianos, e o ensino da literatura em inglês parece dar maior destaque às obras da antiga metrópole. Este artigo compara essa divisão geográfica com outros cursos universitários em países comparáveis do mundo anglófono.

## PAÍSES E UNIVERSIDADES

Para serem considerados comparáveis com a Austrália, foram selecionados os países atualmente pertencentes à Comunidade (Britânica) das Nações (53 países), que já faziam parte do Império Britânico no final do século XIX (46 países), e que não tinham uma tradição escrita antes de serem colonizadas por um país europeu (36 países). Incluindo a Austrália, nove desses 36 países (listados na Tabela 1) são da Oceania, 13 são da América, e 14 da África.

**Tabela 1** — Os 36 países

Continente	País	Independência	População
América	Canadá	11 de dezembro de 1931	36.885.861
Oceania	Austrália	11 de dezembro de 1931	25.215.000
Oceania	Nova Zelândia	11 de dezembro de 1931	4.609.755
África	África do Sul	11 de dezembro de 1931	56.007.479
África	Gana	6 de março de 1957	29.088.849



África	Nigéria	1 de outubro de 1960	194.615.054
África	Serra Leoa	27 de abril de 1961	6.818.117
América	Jamaica	6 de agosto de 1962	2.819.888
América	Trinidad e Tobago	31 de agosto de 1962	1.376.801
África	Uganda	9 de outubro de 1962	42.288.962
África	Quênia	12 de dezembro de 1963	49.167.382
África	Malawi	6 de julho de 1964	18.558.768
África	Zâmbia	24 de outubro de 1964	17.470.471
África	Gâmbia	18 de fevereiro de 1965	2.155.958
América	Guiana	26 de maio de 1966	773.808
África	Botswana	30 de setembro de 1966	2.377.831
África	Lesoto	4 de outubro de 1966	2.199.492
América	Barbados	30 de novembro de 1966	286.618
África	Maurícia	12 de março de 1968	1.286.240
África	Suazilândia	6 de setembro de 1968	1.336.933
Oceania	Tonga	4 de junho de 1970	107.228
Oceania	Fiji	10 de outubro de 1970	909.024
América	Bahamas	10 de julho de 1973	402.576
América	Granada	7 de fevereiro de 1974	107.894
Oceania	Papua-Nova Guiné	16 de setembro de 1975	8.034.630
África	Seychelles	29 de junho de 1976	98.248
Oceania	Ilhas Salomão	7 de julho de 1978	614.497
Oceania	Tuvalu	1 de outubro de 1978	10.116
América	Dominica	3 de novembro de 1978	72.975
América	Santa Lúcia	22 de fevereiro de 1979	189.000
Oceania	Kiribati	12 de julho de 1979	117.636
América	São Vicente e Granadinas	27 de outubro de 1979	109.501
Oceania	Vanuatu	30 de julho de 1980	279.953
América	Belize	21 de setembro de 1981	379.636
América	Antígua e Barbuda	1 de novembro de 1981	94.195
América	São Cristóvão e Nevis	19 de setembro de 1983	56.632

Fonte: elaboração própria

Destes 36 países, foram escolhidos aqueles de maior população dentro dos continentes da América e da Oceania, e das regiões do Oeste, Sul e Leste da África. Nos três países que eram independentes em 1931 e possuíam universidades fundadas no século XIX (o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia), foram escolhidas a mais antiga universidade na maior cidade do país: as universidades de Toronto, Sydney e Auckland. Na África do Sul, com a sua independência minoritária em 1931, mas sem nenhuma universidade do século XIX, a Universidade da Cidade do Cabo foi escolhida, por ser a maior das duas fundadas em 1918. Nos pequenos países do Caribe e da Oceania, foram selecionadas as duas universidades transnacionais. A Universidade das Índias Ocidentais (*University of the West Indies* – UWI) pertence a doze países independentes e seis territórios do Reino Unido, e possuem três campi, nas ilhas de Jamaica, Trinidad e Barbados. A Universidade do Pacífico Sul (*University of the South Pacific* – USP) tem seu campus principal nas Ilhas Fiji, e pertence a oito países independentes: um território neozelandês, dois países em livre associação com a Nova Zelândia, e um país que já foi colônia espanhola, alemã e japonesa, mas nunca britânica, e que agora está em livre associação com os Estados Unidos. Nos outros países de independência mais recente e de universidades datando da década de 1960, cada país é representado pela primeira universidade que emitisse os próprios diplomas, ou seja, independentemente de qualquer instituição britânica. Estas são a Universidade da Nigéria, a Universidade de Gana, a Universidade Makerere (Uganda), a Universidade de Nairóbi (Quênia), a Universidade do Malawi, a Universidade da Zâmbia, e a Universidade de Papua Nova Guiné. A Tabela 2 apresenta os países, organizados por população dentro de cada continente ou região, e as universidades selecionadas.

**Tabela 2** — Universidades selecionadas

Continente	País	Cidade	Universidade	Fundação
América	Canadá	Toronto	U. Toronto	1827
	Jamaica	Kingston	UWI – Jamaica	1962
	Trinidad e Tobago	Port of Spain	UWI – Trinidad	1962

	Barbados	Bridgetown	UWI – Barbados	1963
Oceania	Austrália	Sydney	U. Sydney	1850
	Papua-Nova Guiné	Port Moresby	UPNG	1965
	Nova Zelândia	Auckland	U. Auckland	1883
	Fiji	Suva	USP	1968
África - Oeste	Nigéria	Nsukka	U. Nigéria	1960
	Gana	Accra	U. Gana	1961
África - Leste	Quênia	Nairobi	U. Nairóbi	1964
	Uganda	Kampala	U. Makerere	1963
África - Sul	África do Sul	Cape Town	U. Cabo	1918
	Malawi	Zomba	U. Malawi	1964
	Zâmbia	Lusaka	U. Zâmbia	1965

Fonte: elaboração própria

Todas as universidades (quatro da América, quatro da Oceania, e sete da África) são públicas. Todas as informações a seguir foram encontradas nos sites dessas universidades.

## CURSOS

Em cada uma das universidades citadas, o ensino da literatura se dá dentro de uma estrutura epistemológica bastante diferente daquela das universidades brasileiras. Conforme o CNPq, os estudos de línguas, de literatura e das outras artes não são ciências humanas, e sim constituem uma grande área à parte. Nas universidades brasileiras, estuda-se a literatura em cursos de “Letras”, que também, obrigatoriamente, envolvem estudos linguísticos, mas não de outros conhecimentos dentro da grande área de Linguística, Letras e Artes. Na tradição anglófona, o estudo da literatura e os estudos linguísticos são vistos como ciências humanas, e são ensinados em Bacharelados de Ciências Humanas (*Bachelor of Arts*), junto com quase todas as outras áreas que, para o CNPq, constituem as grandes áreas de Ciências Sociais Aplicadas, de Ciências Humanas, e de Linguística, Letras e Artes.

Na Universidade de Sydney, alguns cursos mais evidentemente vocacionais, como Direito, Arquitetura e Administração, têm as suas próprias faculdades e os seus próprios bacharelados, enquanto a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais abrange áreas como Economia, Educação, Serviço Social, Ciência Política, Arqueologia, Teologia, História da Arte, Teatro, Regência e Escultura. O aluno que entra no Bacharelado de Ciências Humanas para estudar a Literatura na sua língua materna pode combinar esses estudos com outras áreas fortemente relacionadas, como a Literatura de outras línguas, História, Sociologia, Filosofia, Mídia, Antropologia ou, se quiser, Linguística; na UFRGS, a aluna que quer estudar a Literatura na sua língua materna vai ser obrigada a estudar Linguística, vai ter a opção de estudar a Literatura de outra língua, e vai ter o estudo das outras áreas igualmente relevantes essencialmente barrado. Na U. Sydney, aprender um idioma e estudar a sua literatura não implica estudar a literatura anglófona, e estudar a literatura anglófona não implica estudar necessariamente a literatura da Austrália; na UFRGS, aprender um idioma e estudar a sua literatura implica estudar a literatura lusófona e, mais especificamente, a do Brasil. Na UFRGS, a literatura é estudada no Instituto de Letras, nos Departamentos de Letras Clássicas e Vernáculas (Literatura Brasileira, Outras Literaturas Vernáculas e Literaturas Clássicas), de Línguas Modernas (Literaturas Estrangeiras Modernas), e de Linguística, Filologia e Estudos Literários (Literatura Comparada e Teoria Literária). Na Universidade de Sydney, a literatura é estudada na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais: as Literaturas Anglófonas e a Teoria Literária no Departamento de Inglês, da Escola de Literatura, Arte e Mídia; as Literaturas Clássicas no Departamento de Clássicos e de História Antiga, da Escola de Estudos Filosóficos e Históricos; a Literatura Comparada e as Literaturas Modernas nos vários departamentos da Escola de Línguas e Culturas.

Com a exceção da U. Makerere, sobre a qual não encontrei informações, as outras escolhidas seguem uma organização parecida, mas nunca idêntica. Todas oferecem o ensino da literatura numa Faculdade de Ciências Humanas (chamada ou de *Arts* ou de *Humanities*), e o ensino da literatura anglófona num departamento que geralmente inclui a palavra *English* em seu nome. Duas universidades (a USP e a de Nairóbi) têm departamentos de *Literature*, que se responsabilizam pelo

ensino da literatura anglófona, mas não das literaturas das línguas estrangeiras. A UWI tem uma Faculdade de Ciências Humanas e Educação, mas seus três campi se organizam em departamentos diferentes. Na UWI Jamaica, a literatura anglófona é responsabilidade do Departamento de Literaturas em Inglês, e as outras literaturas ficam com o de Línguas e Literaturas Modernas; a UWI Trinidad tem uma estrutura parecida, mas com os departamentos de Estudos Literários, Culturais e de Comunicação, e de Línguas Modernas e Linguística. A UWI Barbados, por sua vez, inclui as literaturas das línguas inglesa, francesa, espanhola, portuguesa e chinesa no mesmo Departamento de Língua, Linguística e Literatura. Com a exceção da Universidade da Papua Nova Guiné, todas as outras universidades têm departamentos que ensinam línguas e literaturas estrangeiras. Muitas também têm departamentos que ensinam outras línguas nacionais que não o inglês, junto com as suas respectivas literaturas: maori, na Nova Zelândia; fijiano e hindi na USP; igbo, na Nigéria; kiswahili, no Quênia; xhosa, sesotho e africâner na África do Sul.

## DISCIPLINAS

Poucas das universidades selecionadas disponibilizam listas de leituras específicas pela internet, e nem todas disponibilizam as ementas das disciplinas, então acabei fazendo a comparação da maneira esboçada na introdução, deixando de lado as disciplinas cujo título não remetesse a nenhum recorte geográfico ou cultural (“Drama moderno”, “Literatura infantil”, “Sedução e traição”) e classificando as restantes. Infelizmente, a U. Zâmbia não oferece nenhuma informação sobre os nomes ou conteúdos das disciplinas, e não contribui para o estudo. A U. Makerere, a U. Malawi, a USP, e a U. Cabo disponibilizam outras informações, e serão analisadas separadamente. Na discussão inicial, apenas dez das universidades são comparadas: quatro da América, três da África, e três da Oceania. Nestas, as disciplinas geograficamente classificáveis somam entre 42 e 67% do total.

As primeiras categorias que investiguei na U. Sydney foram literatura australiana, literatura britânica e literatura estadunidense, ou seja, a própria nação em questão, a antiga metrópole, e o segundo centro da língua inglesa. Essas categorias pareciam funcionar bem para as outras universidades fundadas no século XIX, U. Toronto e U. Auckland, mas logo se mostraram inadequadas para todas as outras. Experimentei com a categoria *regional*, que funciona bem no Caribe, na África e na Oceania, mas não no caso de U. Toronto, onde *regional* se confunde com *estadunidense*. As duas disciplinas de Literatura Caribenha que são ofertadas pelo programa de Estudos Caribenhos são regionais no sentido de serem da América sem ser de um único país, mas é uma região que não inclui o própria Canadá. A única disciplina regional no sentido de explicitamente incluir o Canadá e pelo menos um vizinho é “literatura asiática da América do Norte”. A U. Auckland oferece duas disciplinas de “literatura indígena da Oceania” no programa de Estudos do Pacífico, que são computadas aqui como regionais, embora não fique claro se a literatura indígena da própria Nova Zelândia faz parte do recorte, nem se os textos foram escritos em inglês. A literatura da Nova Zelândia não existe na U. Sydney, nem a literatura da Austrália na U. Auckland; a U. Sydney é a única das universidades investigadas que não oferece nenhuma disciplina de natureza regional.

A categoria *diáspora* foi relevante principalmente para as universidades africanas, que oferecem cursos em literatura caribenha e/ou de autoria negra, e para os três campi da UWI, que oferecem literatura africana, de autoria negra e, no caso de UWI Trinidad, de autoria indiana. A U. Toronto também oferece literatura africana e indiana, que podem ser classificadas como *diáspora*. Quatro universidades também oferecem disciplinas que coloquei na categoria *global*, porque são explicitamente não britânicas e não estadunidenses, mas não cabem nas categorias de *regional* e *diáspora*: a U. Nairóbi oferece “literatura canadense”; a UPNG oferece “literatura oral”, “literatura pós-colonial”, e “folclore”; a U. Gana oferece “literaturas novas em inglês”; a U. Sydney oferece “modernismos pós-coloniais”, “literatura afro-americana” e “literaturas anglófonas do mundo”.

Experimentei com a ideia de comparar o mínimo de disciplinas obrigatórias de cada categoria, e o máximo de disciplinas de cada categoria que podem ser contadas para o diploma, mas algumas universidades não têm disciplinas obrigatórias, o que esvazia a comparação dos mínimos, e nenhuma parece proibir o aluno de cursar disciplinas além do necessário, o que invalida a comparação dos



máximos. O único dado comparável acabou sendo as porcentagens das disciplinas oferecidas que possam ser classificadas em uma ou outra das categorias, mas, mesmo assim, os resultados não pareciam muito claros. A U. Gana oferece 20 disciplinas na categoria *regional*, 19 na *diáspora e global*, e 22 na *britânica*: é relevante insistir que *britânica* é a maior categoria? A U. Auckland tem disciplinas regionais, mas nenhuma de outras literaturas não-hegemônicas, enquanto a U. Sydney tem o contrário: existe uma distinção importante entre elas? A minha conclusão foi que não e provavelmente não. Os resultados mais eloquentes aparecem na comparação das categorias *britânica*, *estadunidense*, *nacional*, *regional*, *diáspora*, e *não hegemônica*, ou seja, a soma de todas que não sejam *britânica e estadunidense*.

## LITERATURA BRITÂNICA X LITERATURA NACIONAL

Quando comecei esta investigação com as disciplinas da U. Sydney, a minha primeira impressão foi de que havia uma proporção muito baixa de disciplinas identificáveis como sendo de temática nacional (13,0%) em relação àquelas de temática britânica (22,2%). Acontece que, de todas as faculdades investigadas: a U. Sydney possui a taxa mais alta de disciplinas nacionais, sendo que a U. Toronto é a única outra acima de 10%; a U. Sydney tem uma taxa de disciplinas britânicas mais baixa que a da U. Toronto e da U. Auckland, as outras duas instituições fundadas para populações brancas; a diferença entre a proporção de disciplinas britânicas e nacionais na U. Sydney (9,2 pontos percentuais) fica abaixo da média, sendo superada não apenas pelas universidades de Toronto (23,9) e de Auckland (21,0), mas também por aquelas da Nigéria, de Gana, e pela UWI Barbados; e a U. Nairóbi e a UPNG são as únicas que não têm mais disciplinas britânicas que nacionais. Esse conjunto de resultados é apresentado na Tabela 3.

**Tabela 3** — Literaturas *nacional e britânica*: proporções e diferença

	nacional	Britânica	diferença
U. Sydney	13,0%	22,2%	-9,2
U. Toronto	11,0%	34,9%	-23,9
U. Nairóbi	9,4%	0,0%	9,4
UPNG	6,3%	0,0%	6,3
U. Auckland	5,3%	26,3%	-21,0
U. Nigéria	3,5%	18,6%	-15,1
UWI Jamaica	3,0%	9,0%	-6,0
U. Gana	1,4%	15,7%	-14,3
UWI Barbados	0,0%	13,3%	-13,3
UWI Trinidad	0,0%	9,1%	-9,1

Fonte: elaboração própria

Enquanto o Brasil define a literatura nacional como uma área distinta de estudos, nenhuma das universidades deste recorte dedica mais do que uma em cada nove disciplinas de literatura anglófona à produção estritamente nacional. O contraste entre a UFRGS e a U. Sydney parece grande, mas seria muito maior em comparação com qualquer uma das outras universidades selecionadas.

## LITERATURA ESTADUNIDENSE X LITERATURA REGIONAL

Outra percepção que eu tinha no início do estudo é que (apesar de ser, sem dúvida, a segunda depois daquela das Ilhas Britânicas) a literatura dos Estados Unidos ficava à margem do restante do mundo anglófono; essa percepção foi confirmada. Apenas duas das universidades (U. Sydney e U. Toronto) têm mais disciplinas de literatura nacional do que de estadunidense, mas em todas as outras a proporção das disciplinas da região (a África, o Caribe, a Oceania) é mais alta do que aquela de literatura dos EUA. A Tabela 4 apresenta esses dados.

**Tabela 4** — Literaturas *nacional + regional* e *estadunidense*: proporções e diferença

	nacional + regional	estadunidense	diferença
U. Nairóbi	31,3%	3,1%	28,2
U. Nigéria	30,1%	3,5%	26,6
UWI Trinidad	27,3%	9,1%	18,2
UWI Jamaica	22,4%	1,5%	20,9
UWI Barbados	20,0%	2,2%	17,8
UPNG	18,8%	0,0%	18,8
U. Auckland	15,8%	0,0%	15,8
U. Gana	15,7%	2,1%	13,6
U. Toronto	13,8%	6,4%	7,4
U. Sydney	13,0%	5,6%	7,4

Fonte: elaboração própria

Quase todas as universidades têm mais disciplinas de literatura britânica que de literatura estadunidense (a U. Nairóbi é a única exceção), mas apenas as três universidades “brancas” (U. Toronto, U. Sydney e U. Auckland) têm mais disciplinas britânicas que da categoria *nacional + regional*.

## UNIVERSIDADES “BRANCAS” X UNIVERSIDADES “NEGRAS”

As universidades de Toronto, Sydney e Auckland foram fundadas entre 1827 e 1883, em cidades de latitude extratropical, onde a colonização britânica tinha formado populações majoritariamente brancas, populações que ganhariam a independência em 1931, sem nem precisar pedir. As outras sete universidades analisadas foram fundadas entre 1960 e 1965, em países tropicais, de maioria não branca, de povos que ainda estavam no processo de conseguir a independência política. Conforme várias medidas, as três universidades “brancas”, feitas para os descendentes dos colonizadores britânicos, distanciam-se das sete “negras”, construídas pelos próprios povos colonizados. As “brancas” têm as proporções mais altas na categoria *britânica* (22,2%-34,9%, contra 0%-18,6%), e as mais baixas nas categorias *regional* (0%-10,5%, contra 12,5%-27,3%) e *não hegemônica* (15,8%-23,9%, contra 26,4%-45,1%). Este contraste pode ser visto na Tabela 5.

**Tabela 5** — Literaturas *regional*, *não hegemônica* e *britânica*: proporções

	regional	não hegemônica	britânica
UWI Trinidad	27,3%	42,5%	9,1%
U. Nigéria	26,5%	45,1%	18,6%
U. Nairóbi	21,9%	38,1%	0,0%
UWI Barbados	20,0%	33,3%	13,3%
UWI Jamaica	19,4%	35,8%	9,0%
U. Gana	14,3%	26,4%	15,7%
UPNG	12,5%	43,8%	0,0%
U. Auckland	10,5%	15,8%	26,3%
U. Toronto	2,8%	23,9%	34,9%
U. Sydney	0,0%	18,5%	22,2%

Fonte: elaboração própria

Por causa destas baixas proporções, categorias como *regional* e *não hegemônica* não faziam parte dos meus primeiros pensamentos sobre as disciplinas da U. Sydney. Mesmo se a categoria *regional* fosse expandida para incluir o Caribe e os Estados Unidos, a taxa para a U. Toronto ainda seria apenas 9,2%. As disciplinas das universidades “negras” se debruçam mais sobre seu próprio continente, enquanto as “brancas” olham mais para a tradição britânica.

## AS QUATRO UNIVERSIDADES COM OUTRAS INFORMAÇÕES

As informações disponíveis sobre os cursos na USP, na U. Makerere, na U. Malawi e na U. Cabo podem ser analisadas a partir dos dados já apresentados. Os títulos das disciplinas na USP não são classificáveis em termos do foco geográfico dos textos, mas o site explica que “cada uma das nossas disciplinas de literatura inclui um número expressivo de textos da Oceania”. Como nos casos das outras universidades “negras”, o foco não é a herança britânica, nem a nação, e sim a região. A U. Makerere não publica os nomes das disciplinas, mas explica que “o departamento oferece um leque amplo de disciplinas em todas as áreas da literatura, inclusive na literatura da Uganda, do Leste da África, da África, da Europa, dos Estados Unidos e do Caribe”. Essa descrição coloca a nação dentro de uma pequena região, que faz parte de uma região em escala continental, e também inclui a diáspora caribenha. Sendo esse um diploma de *Literature*, não de *English*, é provável que a literatura da Europa não seja exclusivamente britânica, e que as disciplinas de literatura africana e caribenha incluam textos escritos em francês, em espanhol, ou em outras línguas. Também é possível que o conjunto *Estados Unidos e Caribe* seja uma maneira de explicitar a literatura afro-americana. Pelo fato de situar a nação dentro da região, e por sequer mencionar a Inglaterra e as Ilhas Britânicas, este caso também parece coerente com o padrão das universidades “negras”.

O Departamento de Inglês da U. Malawi se apresenta como um lugar onde “alunos são formados na leitura, crítica e prática de literaturas de todo o globo”. O parágrafo sobre o foco do departamento repete a ideia de “estudar literaturas de todo o globo” e informa que tem professores especializados em duas áreas: “literaturas anglófonas clássicas do mundo britânico e do continente americano”, e “literatura do continente africano”. O que seria o “mundo britânico” neste caso? Uma possibilidade seriam os seis membros fundadores da então Comunidade Britânica de Nações – o Reino Unido, a Irlanda, a Austrália, a Nova Zelândia, o Canadá, e a África do Sul –, mas os dois últimos já são incluídos nos continentes americano e africano. Será que existem especialistas nas literaturas anglófonas “clássicas” da Austrália e da Nova Zelândia na U. Malawi? Parece mais provável que “mundo britânico” seja uma maneira de dizer “Ilhas Britânicas”, e que a literatura “clássica” do continente americano descreva o território dos Estados Unidos antes e depois da sua independência, e não dos Estados Unidos mais Canadá mais Caribe. Desse jeito, parece que a ideia de “literaturas de todo o globo” é uma oposição entre as literaturas hegemônicas (ou “clássicas”) do Atlântico Norte, sem mencionar nomes de países, e as literaturas da África, novamente sem mencionar o conceito do nacional. Essa visão também me parece coerente com o padrão das universidades “negras”.

A U. Cabo é um caso à parte, porque a África do Sul é um caso à parte, tendo a “independência” da minoria branca em 1931, o afastamento do país da Comunidade Britânica durante a época do *apartheid*, e a segunda independência, da maioria negra, em 1994. Os nomes das disciplinas da U. Cabo não são classificáveis em termos de foco geográfico, mas as listas de leituras para 2019 constam no site. Nas seis disciplinas detalhadas, três têm um autor nacional, quatro têm pelo menos um autor de outro país africano, e quatro têm pelo menos um autor negro de fora da África. Todas as disciplinas têm pelo menos dois autores negros. Por outro lado, uma disciplina tem um autor branco estadunidense, duas têm um autor branco inglês, e duas têm obras em tradução de autores brancos europeus. Nenhuma disciplina tem uma maioria de autores brancos. Apesar das suas origens como uma universidade voltada para a minoria branca, a U. Cabo mostra escolhas parecidas com aquelas das universidades “negras”, com forte destaque para os autores africanos e da diáspora negra, e pouca presença de textos britânicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida foi a impressão, influenciada pelas práticas brasileiras, de que a literatura nacional parecia ser uma categoria pouco importante na Universidade de Sydney: de que possuía muita literatura britânica e pouca australiana. Em comparação com cursos universitários de outras



países da Comunidade, selecionados para maximizar as possibilidades de semelhança, parece que a “muita literatura britânica” da U. Sydney acaba sendo uma taxa menos pesada do que em relação às outras universidades “brancas”, U. Toronto e U. Auckland, enquanto a “pouca literatura australiana” representa a maior proporção da literatura nacional de todos os cursos investigados.

## REFERÊNCIAS

*Os dados sobre os países (datas de independência, populações, listas de universidades, latitudes, etc.) foram encontrados naquele grande repositório da sabedoria popular, a Wikipédia.*

## UNIVERSIDADES

MAKERERE UNIVERSITY. Disponível em: <<https://www.mak.ac.ug>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF AUCKLAND. Disponível em: <<https://www.auckland.ac.nz/en.html>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF CAPE TOWN. Disponível em: <<https://www.uct.ac.za/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF GHANA. Disponível em: <<https://www.ug.edu.gh/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF MALAWI. Disponível em: <<http://www.unima.mw/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF NAIROBI. Disponível em: <<https://www.uonbi.ac.ke>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF NIGERIA. Disponível em: <<https://www.unn.edu.ng/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF PAPUA NEW GUINEA. Disponível em: <<http://www.upng.ac.pg/site/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF SYDNEY. Disponível em: <<https://sydney.edu.au/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF THE SOUTH PACIFIC. Disponível em: <<https://www.usp.ac.fj/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF THE WEST INDIES – CAVE HILL. Disponível em: <<https://cavehill.uwi.edu/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF THE WEST INDIES – MONA. Disponível em: <<https://www.mona.uwi.edu/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF THE WEST INDIES – ST. AUGUSTINE. Disponível em: <<https://sta.uwi.edu/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF TORONTO. Disponível em: <<https://www.utoronto.ca/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

UNIVERSITY OF ZAMBIA. Disponível em: <<https://www.unza.zm>>. Acesso em: 21 nov. 2019.